

Alminhas de ontem e de hoje

Jorge Torres (*)

As alminhas são um elemento presente na paisagem de muitas das terras do nosso país, com forte predominância para as zonas norte e centro. À medida que caminhamos para sul, a tendência é para se irem tornando menos frequentes.

No caso concreto do concelho do Sabugal, podemos encontrar com facilidade estas manifestações da fé popular, ao longo dos caminhos, ou mesmo em pontos isolados. Embora se trate de manifestações do mesmo fenómeno cultural, a sua denominação pode variar, havendo locais em que lhes chamam cruzeiros.

O que é uma alminha

No essencial, uma alminha é constituída por um nicho, encimado por uma cruz. Esta pode assumir a forma de um elemento sobreposto ao corpo ou apenas estar traçada em relevo na parte superior do bloco. Nesse nicho, é colocada uma representação das almas do purgatório com um santo padroeiro ou Nossa Senhora.

Sendo muito grande a variedade, não se pode definir um formato comum a todas elas. Assim, podemos encontrar a sua parte inferior em forma de coluna (de secção cilíndrica ou rectangular) ou mesmo esta não existir, estando o nicho inserido num muro ou parede. Dentro



Alfaiates

do nicho, a representação podia ser pintada directamente na pedra (o que faz com que, nestas situações, seja muito raro encontrar mais do que o nicho vazio, pelo desaparecimento das tintas, fruto da acção dos elementos ou dos homens); noutros casos, foi usada uma base em madeira para sobre ela executar a pintura, em geral, com os mesmos resultados já referidos; uma terceira possibilidade (por vezes resultante de um acrescento relativamente moderno) é a utilização do azulejo para a execução da representação desejada.

No que diz respeito ao concelho do Sabugal, a alminha mais comum é constituída por uma única peça em pedra (granito), com o nicho e a cruz em relevo, embora se encontrem umas tantas com a cruz em destaque na sua parte superior. Em muitas delas, existe uma decoração ou legenda adicional: pode ser uma data, a representação de utensílios de trabalho, algum breve texto ou iniciais.

As alminhas na história

Alguns autores referem práticas da Antiguidade que levaram diversos povos a considerar a presença de entidades sobrenaturais ao longo dos caminhos, o que estaria na origem de criação de pequenos locais de veneração e práticas propiciatórias que, com o tempo e a cristianização dos povos, teriam dado origem às alminhas.

No entanto, a explicação mais lógica para a sua disseminação ao longo dos caminhos é aquela que as associa às práticas cristãs resultantes do Concílio de Trento (1546-1562). A Contra Reforma, entre outros aspectos, levou a Igreja Católica a reforçar a importância central do Purgatório. O clero foi incentivado a chamar a atenção para a existência de almas no Purgatório, passíveis de serem ajudadas pelas orações dos fiéis. A partir daqui, foi-se generalizando, nos países católicos, a prática de rezar pelas almas do Purgatório.



Alfaiates

Ao longo dos caminhos, foram sendo criados pequenos santuários, destinados a fazer lembrar aos passantes a existência de almas que estavam a sofrer no Purgatório. Serão as actuais alminhas as sobreviventes dessa prática muito incentivada pela Igreja Católica. No século XX, no seguimento de medidas tomadas pela Igreja, tendentes a reforçar a sua presença na vida quotidiana, houve mesmo uma campanha de revalorização das alminhas e das práticas a elas associadas. Por outro lado, foi também surgindo e ampliando a sua dimensão a tradição de assinalar locais em que ocorrera alguma morte violenta. Nas freguesias do concelho mais próximas da fronteira, a importância da actividade dos contrabandistas

levou a muitas situações de confronto violento entre estes e as autoridades, não raras vezes terminado com vítimas mortais. Será essa a origem de muitos dos testemunhos das últimas décadas. Relativamente aos tempos mais recentes, a prática de erigir estas pequenas manifestações de homenagem aos defuntos tem-se verificado em casos de acidentes de viação.

As alminhas no concelho

O levantamento sistemático das alminhas do nosso concelho está por fazer. Apenas existem algumas monografias de freguesias que apresentam listagens das existentes na sua área. No entanto, o que se verifica com frequência é que apenas incluem as mais relevantes, ou associadas a algum acontecimento ou personagem mais vivo na memória das populações actuais.

É o caso das obras editadas sobre as freguesias de Aldeia da Ponte, Alfaiates, Casteleiro ou Valongo (ver referências completas na bibliografia). Especificamente sobre as alminhas, existem dois trabalhos, relativos aos Forcalhos e ao Soito (também referenciados no final deste trabalho).

No entanto, podemos consultar um sítio na Internet (www.patrimonio-turismo.com) que, entre outros dados, inclui informação sobre cada freguesia. Aí, podemos constatar que em mais de metade das freguesias do concelho se indica a existência de alminhas, nalguns casos apenas de forma genérica.

Tendo este trabalho apenas a finalidade de apresentar uma panorâmica geral deste património do concelho e não um levantamento exaustivo, apresentam-se a seguir apenas alguns exemplos de alminhas existentes, tentando mostrar a sua diversidade e alguns casos mais interessantes.

Os componentes de uma alminha

No que diz respeito ao material em que são fabricadas, podemos dizer que o granito é a matéria-prima preferencial. Em alguns casos, existem elementos adicionais metálicos, nomeadamente cruzeiros ou letras, e pouco mais se pode referir.



Aldeia da Dona



Escabralhado



Pousafoles do Bispo



Soito



Sortelha

Nestas páginas, apresenta-se um conjunto de imagens destinadas a ilustrar a diversidade de formas das alminhas, procurando realçar a importância de um levantamento exaustivo.



Ruivós



Vilar Maior



Forcalhos



Pousafoles do Bispo

Grosso modo, uma alminha é um bloco paralelepípedo, decorado na sua face anterior, podendo apresentar algum recorte nas suas superfícies laterais.

A cruz é um elemento decorativo indispensável, que torna inquestionável o carácter de local associado a práticas de fé. No entanto, pode estar colocada na parte superior da alminha, constituindo como que um elemento decorativo adicional, ou estar integrado no bloco daquela, em baixo ou em alto relevo. Em qualquer dos casos, podem possuir a imagem do Cristo crucificado em relevo (ou simplesmente recortada), embora esta seja mais frequente nas alminhas encimadas pela cruz. O formato desta pode também variar: o mais frequente é serem os braços direitos (regra quando está presente a imagem de Cristo crucificado) ou trilobados. Embora possa haver mais algumas variantes, estes dois formatos são, de longe, os mais frequentes. Há ainda casos em que a cruz tem alguns elementos meramente decorativos.

Logo abaixo da cruz, encontramos o nicho. As suas dimensões e profundidade são variáveis, tal como o formato. A base é sempre direita, podendo a cabeceira ser direita ou semicircular, com ou sem recortes adicionais.

O nicho era o local onde, tradicionalmente, se colocava uma imagem. Como acima se referiu, esta podia ser pintada na pedra, ou numa madeira colocada dentro do nicho. Nestes casos, podemos verificar que os efeitos da acção do tempo ou dos homens levaram ao seu desaparecimento total, ou quase. Em geral, na melhor das hipóteses, apenas se conseguem detectar vagos vestígios da pintura. Por vezes, o espaço foi preenchido com uma imagem sobre azulejo, fosse desde o início, fosse numa fase posterior. No concelho do Sabugal, estes casos são raros.

A parte da alminha abaixo do nicho é aquela que pode apresentar elementos mais variados e, de certa forma, mais interessantes, pela informação que nos fornecem.

Aqui, podemos encontrar:

- uma data, geralmente indicadora do ano da morte associada à alminha. Na sua maior parte, correspondem aos séculos XIX e XX;
- um texto incluindo o nome do morto ou mortos aqui lembrados, ou apenas as iniciais;
- reprodução de instrumentos de trabalho: escada, martelo, ou outros.

Podem ainda encontrar-se alguns elementos decorativos, como custódia, coração ou simples motivos geométricos.

As alminhas hoje

Na actualidade, podemos detectar a continuidade destas práticas que se podem enquadrar perfeitamente na tradição do recordar as vítimas de mortes violentas: em diversos locais ao longo das estradas do concelho, encontramos manifestações evocativas. Podemos, inclusivamente, identificar um padrão de comportamento, com fases sucessivas:

- num primeiro momento, colocam-se ramos de flores no local, poisados no solo ou fixados a uma árvore, por exemplo.



Badamalos



Casteleiro

Frequentemente, não há renovação das flores, ou esta verifica-se apenas durante um curto período de tempo;

- em certas situações, há uma maior continuidade. Aos poucos, a par da renovação regular das flores ou em sua substituição, vão aparecendo elementos tendencialmente perenes, ou pelo menos mais duradouros: algum elemento evocativo associado às flores, que poderá ser uma fotografia, uma placa com nome, datas, etc.;
- por último, chega-se à colocação de uma memória permanente: é o caso de algumas cruzes em pedra ou outro material que existem junto à estrada, por vezes com nome e datas, ou mesmo fotografias. Um aspecto distintivo é que os nichos primam pela ausência.

Deste modo, vemos perdurar uma prática ancestral, adaptada às circunstâncias da vida actual. Pode assumir diferentes aspectos, incluindo mesmo alguns que aqui não foram referidos. Acima de tudo, trata-se de elementos da cultura popular que podem ser observados na sua variação ao longo dos tempos.

Como a memória da relevância destes elementos evocativos também se pode perder, alminhas há que vão sendo retiradas do seu local original, reaproveitadas em muros, ou como elementos de alguma construção, beneficiando do trabalho já parcialmente efectuado de cortar a pedra à dimensão e formato desejados.

O tempo vai fazendo desaparecer estes pequenos referenciais. Por outro lado, também a acção dos homens é, muitas vezes, ainda mais danosa que a dos elementos da Natureza. Por tudo isso, são bem merecedores de um levantamento exaustivo em toda a área do concelho. Desta forma, poderemos ter um conhecimento pleno da sua

distribuição e características de construção. Além disso, são susceptíveis de desempenhar um papel relevante como marcas no território, incentivando os interessados a conhecer zonas menos procuradas pelo turismo.

Agradecimentos

Para a elaboração deste trabalho, foi importante um conjunto de informações e fotografias fornecidos pela Arquitecta Cláudia Quelhas e pelo Arqueólogo Marcos Osório, da Câmara Municipal do Sabugal, que aqui se agradece.

Bibliografia

- BABO, P.e Francisco de (1956) - *“Alminhas”*. *Padrões de Portugal cristão*. 4ª edição. Ermesinde: Colégio de Ermesinde.
- JORGE, Orlindo J P C (2006) - Património de uma terra. Alminhas, *Notícias de Forcalhos*, Forcalhos, 46, p. 21-22.
- MACHADO, Daniel Augusto (2008) - *Memórias, usos e costumes dum povo*. Casteleiro. Edição do autor.
- PRATA, José (2001) - *A sociedade humana – mitos e crenças. Sagrado e profano em Aldeia da Ponte*. Amadora: edição do autor.
- SOITO, Tio Carlos do (1999) - Os cruzeiros, *O Soito*, Soito. [trata-se de três artigos publicados neste periódico, mas o seu conteúdo está disponível online, num blogue do mesmo autor - <http://ticarlos2poesia.blogspot.com/2010/02/patrimonio-os-cruzeiros.html>]
- TOMÉ, Francisco Carreira; TOMÉ, Alice; CARREIRA, Teresa Pires; TOMÉ, Nuno Rafael; CARREIRA, Filipe Alexandre (2000) - *Terra - vida - alma. Valongo do Côa*. Lisboa: Editorial Minerva.
- VAZ, Francisco (1989) - *Alfaiates, na órbita da Sacaparte – Esboço monográfico*, vol. I-II. Lisboa: edição do autor.

(*) Antropólogo. Sabugal+ EM.